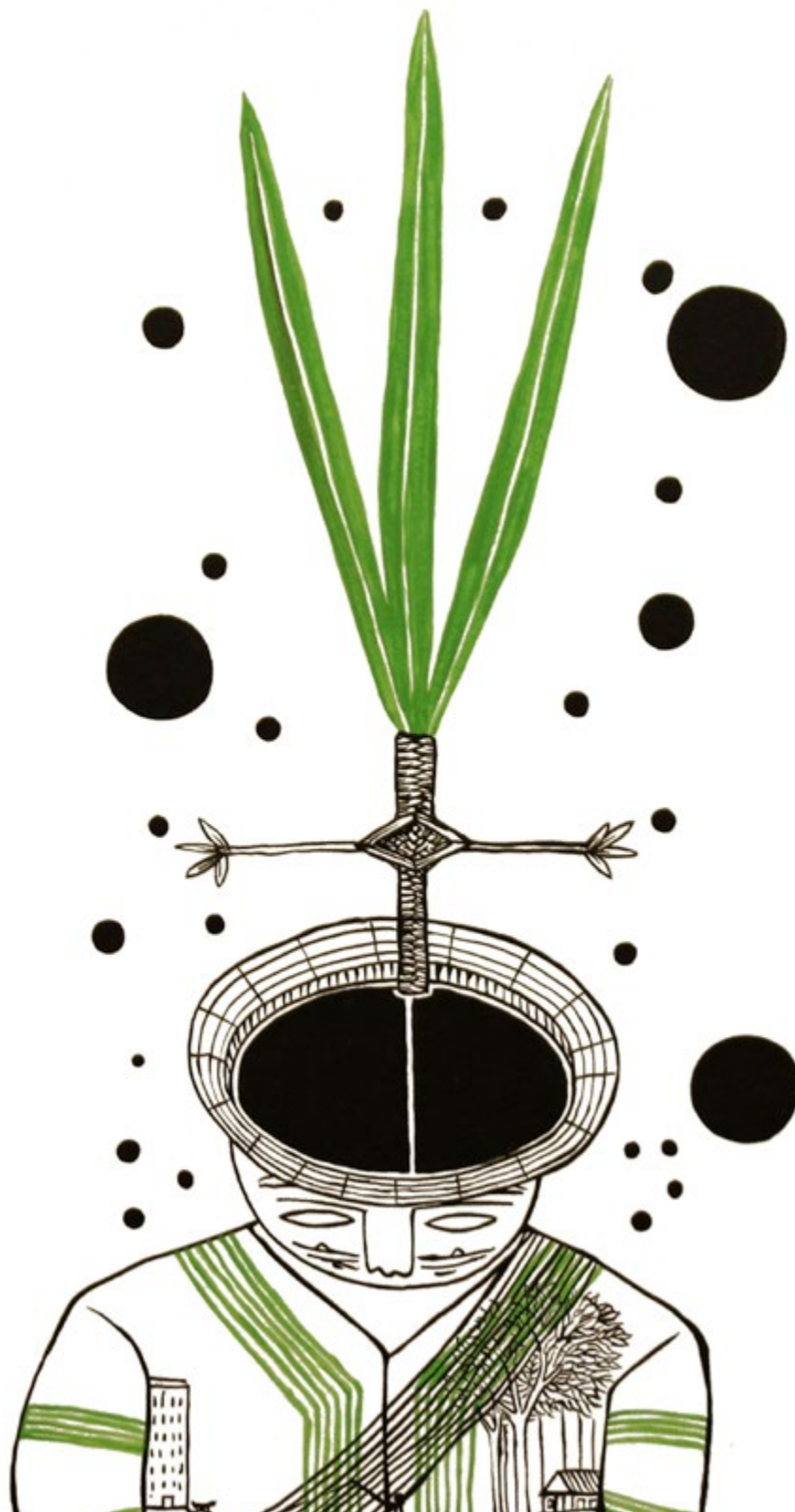


Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL
28 DE FEVEREIRO DE 2022





Editorial

Denilson Baniwa, nascido na região do Rio Negro, no Amazonas, é o artista convidado do mês de fevereiro, vencedor do prêmio PIPA 2019, o mesmo prêmio que recebeu Jaider Esbell em 2016. Sua arte é uma explosão de cores, sensações e técnicas. Ela acompanha e estende textos literários e não literários recebidos pelo Nódoo neste início de ano. A seção Amazônia Legal é ponto de encontro de dois poetas que vivem fases diferentes de sua produção: Eduardo

Martins, escritor e pesquisador experiente, pioneiro do Movimento dos Escritores Independentes nos anos 1980, tem diversas obras publicadas e nos brinda com o poema O lado aberto. Jucimar Silva dos Reis inseriu-se recentemente no universo da literatura como escritor e explora a publicação em periódicos literários, início de muitos dos mais renomados escritores nacionais e internacionais. Jucimar compartilha com o leitor o poema Cores, de se ler e se ver. No longo período pandêmico, Eduardo Mahon, escritor contemporâneo, propôs boas conversas a Walnice por meio de suas instigantes narrativas, por isso, a Carta ao autor deste mês, escrita por Vilalva é “endereçada” a Mahon, e mostra o afeto e a amizade suscitados pela literatura. Ainda no universo da produção artística, o conto desta edição é de Paulo Wagner, Segredos da Terra, talvez o texto que mais dialoga com a arte visual de Baniwa, pois vai explorar o contato do ser humano com a natureza. A crônica Mancha, de Raquel Naveira, é um presente ao Nódoo, aborda o poema que deu nome a este suplemento literário. Finaliza a presente edição o ensaio de Jocineide Maciel e Maria Elizabete Nascimento, sobre o polêmico conceito de regionalismo a partir da obra Essa Terra, do aclamado Antônio Torres, escritor que em 2022 completa 50 anos de estreia na literatura.



Claudia Zortea

Sumário

Editorial

3

Claudia Zortea

Amazônia Legal (poema)

5

O lado aberto
Eduardo Martins

7

Cores
Jucimar Silva dos Reis

Carta ao escritor

8

Carta ao escritor Eduardo Mahon
Walnice Vilalva

Conto

12

Segredos da terra
Paulo Wagner

Crônica

15

Mancha
Raquel Naveira

Ensaio

17

“Essa terra” de Antonio Torres: regionalismo e identidade cultural
Jocineide Maciel e Elizabete Nascimento

Expediente

O **Nódoo no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

Direção geral: Walnice Vilalva

Equipe editorial: Walnice Aparecida Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias e Natália Marques da Silva.

Artista Visual Convidado: Denilson Baniwa

Colaboradores: Jucimar Silva dos Reis, Walnice Vilalva, Eduardo Martins, Paulo Wagner, Raquel Naveira, Jocineide Maciel e Elizabete Nascimento.

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

CONTATO

email: nodoanobrim.mt@gmail.com

Publicação das edições de 2022

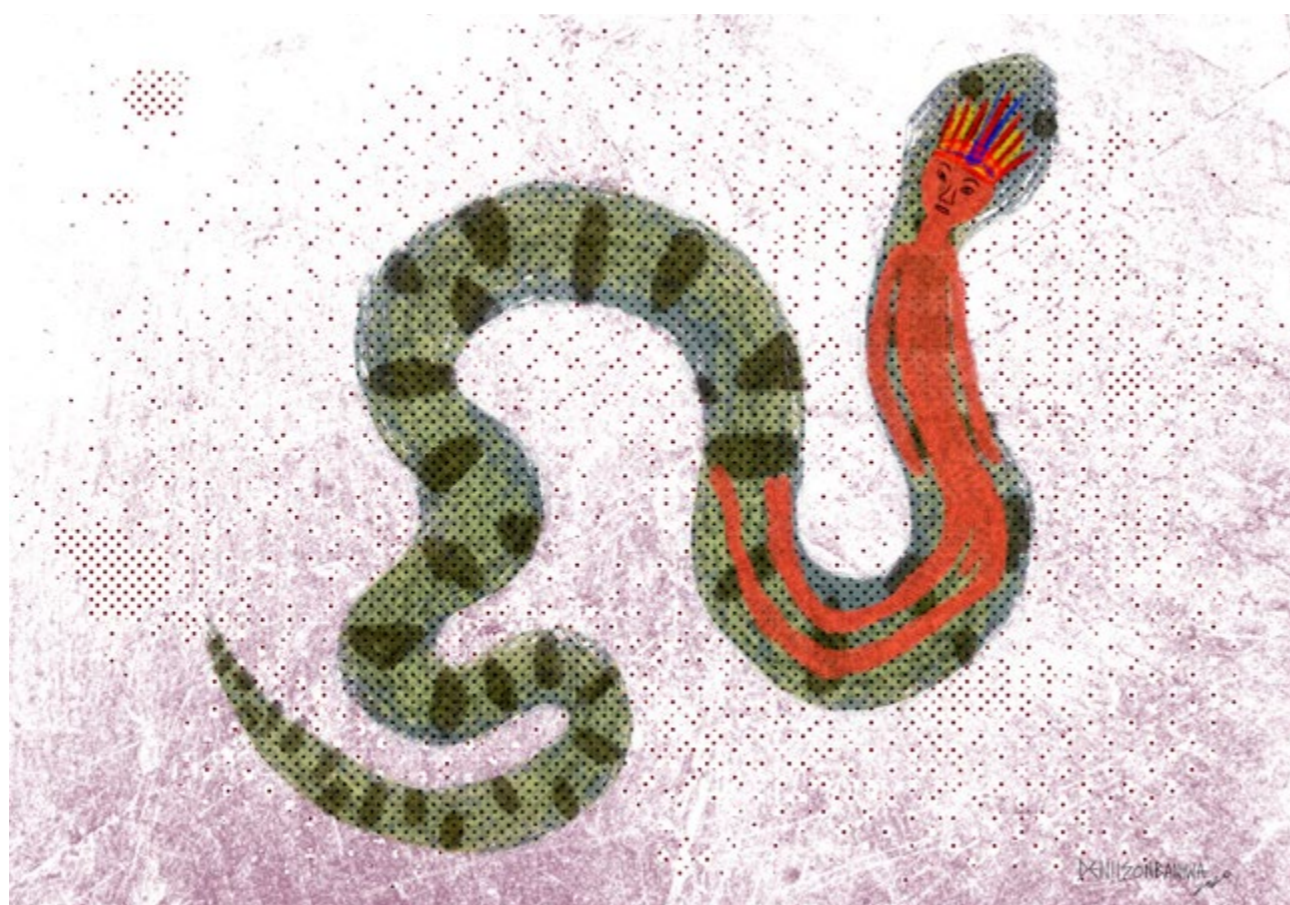
O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoo no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta do leitor às suas edições de 2022. Para acessar as regras de submissão, clique no link: <https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL
AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL
AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL

AMAZÔNIA LEGAL



O LADO ABERTO

o lado aberto te esconde
em tua parte palavra
neste lado quase ponte
que se estende para o nada

que quase mundo some
do outro lado da fala
para espelhar o indizível
em outro espelho muralha

em teu silêncio-livro
o lado aberto se espalha
em lados de mil ladrilhos
de sítios de mudas caras

de seu espaço infinito
em desenho que se cala
o lado aberto te esconde
em lado que nunca fala.



Eduardo Martins

É professor da Universidade Federal de Rondônia, UNIR, membro do corpo docente do PPGEL da UNEMAT. Ao lado de Francisco Espinhara, iniciou o Movimento dos Escritores Independentes nos anos 1980. Possui vários livros publicados, entre eles: Procissão da palavra, O lado aberto, A palavra falta, Retalhos de Água e Signos Secos.

edubarmel@hotmail.com



CORES

Da infância à vida adulta,
Quase sempre, oculta.
Escondida, suprimida [...]
Mas sempre sentida.
Desejos, pensamentos, olhares
Mal compreendidos por si mesmo,
Tido como elementos "singulares".

O esconder,
O não se aceitar,
A repressão social,
O não ver- se representar,
Os medos da família,
Mas o pior deles,
O medo de amar.

O desabrochar para a vida,
O desejo de se politizar,
O tempo é herói,
A identidade se faz,
Se constrói.
As cores são reconhecidas,
E a sexualidade, enfim, é vivida.

AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL
AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL
AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL AMAZÔNIA LEGAL

AMAZÔNIA LEGAL



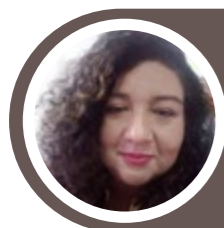
Jucimar Silva dos Reis

Possui Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) e Mestrado em Ensino de Biologia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente, é professor de Biologia pela rede estadual de educação de Mato Grosso (SEDUC/MT) e, estimulado por uma professora de Língua Portuguesa da escola onde atua, escreve alguns textos poéticos.

65 98159-1219



Carta ao escritor Eduardo Mahon



Walnice Vilalva

Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2004), Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo - USP. É professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: memória e identidades literárias.

Prezado amigo Escritor, Eduardo Mahon,

Esta semana estive contigo mais vezes do que possa imaginar. Sim, é bem verdade, e não foram as mensagens que trocamos para falar de um projeto e outro. Estes encontros solitários contigo ocorreram pela narrativa. Foram elas que me ocuparam a semana e os últimos dias: dois romances e Inclassificáveis. Dos romances estive com Mea Culpa (a culpa redimida) e A gente era obrigada a ser feliz (como gosto desse livro). A minha preferência pela narrativa longa não é novidade. Antes, é um ofício. Acaso duvidas desta sua leitora quando diz que vive a melhor carreira? Alguns diriam não rentável. Pode ser. Mas passar o dia entre livros, num canto só seu na casa, naquele lugar submerso em leituras, descobrindo o mundo pela arte e pela Literatura.... Ahh, meu escritor amigo, é desse isolamento que te conto. E desse encontro que tenho marcado contigo. Cada livro é a promessa de um encontro. Um novo encontro com certeza. Novo sempre pela percepção inaugural que conclama da experiência, da vida. Aqui vai a confissão de leitora sempre na espera pelo próximo livro. Finalizo um livro seu com a pergunta: Qual será a próxima história e qual o afeto? Até porque Chico Buarque já dizia muito bem que nem sempre o doce predileto com açúcar e com afeto prende a atenção. Sua ficção, meu amigo, imprime uma linguagem que espreita a vida cotidiana, tirando dela seus momentos mais ínfimos e corriqueiros, fazendo-a sem a bruteza da vida, encontrando um substrato que a linguagem materializa; assim como no blues, é social, é histórico e é tudo; marcando a posição irreverente e auspiciosa do autor como Criador: Este mundo foi criado por mim. E pode ser sem

leveza, pode ser plenamente. "Sei lá, sei lá, a vida tem sempre razão". Sei lá, sei lá, a arte tem sempre razão. Meu amigo é esse criador. É um homem da Literatura, lembrando o que disse o pactuado Robert Johnson quanto ao blues. E, por isso mesmo, por sua ficção asseguramos a sensação irremediável de que estamos sozinhos no mundo; mais que um princípio de solidão, pois nem mesmo um circo garante a ilusão. Somos Inclassificáveis. Os escorraçados do paraíso. Os abandonados num mundo sem herói, sem deus, sem líder, sem representação, sem fé, sem amor. "É um caco de vidro". "Sem fim da ladeira". É a arte sem ilusão. Meu amigo escritor é um homem da Literatura. E pelas suas noites, dias e madrugadas, chagamos o mundo reinventado, sem final felizes, um mundo sem rancor, todavia contrastador da falácia do amor. Como se nos dissesse: não se engane (e não me engano mais), o princípio que move o mundo não é o amor, muito menos a "calcificante" fraternidade. Eis a arte mahonina. É sempre mais que um alerta direto para quem acredita num mundo "com as cores de abril, os olhos de anil e um mundo se abrindo em flor" (conheces essa, eu sei!). De cá, deste canto do sertão, a leste do sol e a oeste da lua, te deixo meu abraço afetuoso.

De sua leitora.

Walnice Vilalva

02/2022

A GENTE ERA OBRIGADA A SER FELIZ

Autor: Eduardo Mahon
Editora: Carlini & Caniato
Publicação: 2019



MEA CULPA

Autor: Eduardo Mahon
Editora: Carlini & Caniato
Publicação: 2020



INCLASSIFICÁVEIS

Autor: Eduardo Mahon
Editora: Carlini & Caniato
Publicação: 2021





Segredos da terra

Pedro acalentava o sonho de deixar o apartamento para morar em uma casa que tivesse, pelo menos, um pedacinho de chão. Toda sua infância havia morado em uma casa de quintal amplo, onde podia brincar e inventar sonhos e mundos junto com os meninos e meninas que circulavam por ali. Mas, sua transferência para a cidade grande e a necessidade de morar perto do trabalho o obrigaram a viver em apartamentos exíguos, cercados de concreto e indiferença.

Há anos morando em espaços verticais de habitação, ele sentia falta até das formigas atacando o vidro de açúcar e das baratas francesinhas que surgiam do nada nos armários e no guarda-roupa. Aquele ambiente asséptico e dedetizado do prédio onde morava tinha um cheiro antivida, um cheiro anti-humano que podia ser amenizado pela presença de pequenos e insignificantes seres. Insetos que fervilhavam na memória de sua infância embaixo de telhas, nas cascas das árvores, entre os livros empoeirados do porão.

E por mais que houvesse um desprezo higienista por essas criaturinhas, elas eram vivas lembranças que remetiam Pedro há um tempo feliz, habitado por cigarras estridentes, trilhas de saúvas, aranhas, besouros, mariposas, centopeias, entre outros seres que

surgiam espontaneamente em um canto aberto ou secreto de sua casa e quintal. Ao voltar para casa dirigindo seu carro, em meio às luzes, sirenes e engarrafamentos, as memórias desse tempo de casa, terra e quintal traziam uma calma imediata, capaz de amenizar a pressão de mais um dia em sua rotina de trabalhador urbano.

Um dia, ao visitar um amigo, em um bairro próximo ao centro, viu uma casa com placa de aluguel. O que mais lhe chamou a atenção no imóvel foi o quintal, onde notou a copa de árvores e um jardim meio abandonado na entrada. A casa pareceu-lhe um pouco antiga, mas aparentemente conservada. Alguma coisa o chamava para aquele lugar, um reencontro com alguma coisa perdida, talvez. Mas teria pela frente a difícil tarefa de convencer a mulher a deixar a segurança e a comodidade do apartamento onde moravam.

Tudo aconteceu de repente, o aluguel da casa era acessível, sua mulher exigiu apenas que pintasse algumas paredes manchadas e fizesse reparos na calha e no encanamento do banheiro. Pedro reassentou o portão de ferro fundido e, em duas semanas, já estava morando naquela casa aconchegante e estranhamente familiar, um cenário que contrastava com a mesmice quadrada da arquitetura ao redor.

Nas horas de folga e nos finais de semana, o que Pedro mais gostava de fazer era mexer com a terra, plantar, cuidar do pequeno pomar que tinha um pouco de tudo, goiaba, caju, manga, laranja, ata, entre outras frutíferas que imploravam por cuidados e adubação. O húmus, a terra preta e a rega a umedecer constantemente o chão e o tempo seco fizeram tudo brotar. Sementes de begônias, beijos multicoloridos, amarílis e até uma nostálgica camélia se abriram e se alastraram, revelando a presença de um jardim secreto que há anos adormecera no chão do quintal.

A chegada do tempo chuvoso fez tudo crescer. Os galhos ultrapassaram os muros depositando folhas e frutos nos quintais dos vizinhos, o vento esparramou sementes que brotavam e morriam nos quintais acimentados. Algumas depositadas em pequenas frestas, alcançaram o chão e até floresceram, mas foram impiedosamente arrancadas por vozes que maldiziam e reclamavam de tamanha insistência. No céu os pássaros começaram a perceber aquele ponto verde em meio a cidade cinza.

Um dia quando Pedro e sua mulher acordaram, viram que o quintal estava tomado por pássaros pequeninos, verdes e azuis, tão pequenos que podiam se aninhar na palma da mão. Logo que o sol se abriu amarelando o céu, eles iniciaram um canto melodioso e se puseram o voar sobre o quintal, num voo sincronizado como fazem os pássaros migratórios no final das tardes de verão. E assim como chegaram, partiram levados pelo vento oeste que soprava sobre a manhã, deixando para traz um rastro de sonho e encantamento que passou despercebido pelos que passavam apressados pela rua

em direção ao trabalho.

Ter novamente quintal e contato com a terra, com antigos cheiros, sabores e sensações acenderam no coração de Pedro uma alegria há muito esquecida; parecia ter reencontrado o elo perdido com um mundo que estava guardado dentro dele. Assim voltou a distinguir com uma atenção inesperada a diferença do canto dos pássaros que ali pousavam, passou a observar toda vida que buscava abrigo no verde e no chão do seu quintal. Assim redescobriu a beleza e a grandeza das coisas mais simples e pequenas ao seu redor.

Naquele dia, ao tocar o canteiro da pequena horta que iniciara em local ensolarado do quintal, Pedro percebeu que a terra era uma grande mãe a alimentar em seu seio todas as plantas, todas as flores, todas as árvores do planeta. Percebeu que a terra sustentava com sua generosidade as grandes araucárias, samaúmas e castanheiras que se elevam nas florestas. Sustentava os ramos rasteiros e avencas que recobrem o chão, as pradarias naturais que alimentam toda sorte de animais. Percebeu que a terra guardava e conduzia a água em suas entranhas e rios subterrâneos. Viu adormecido os animais que faziam do chão e das cavernas sua morada.

Pedro sentiu que a terra pulsava e estava presente em seu sangue, em seus cabelos e ossos, em cada célula do seu corpo. Viu que a terra, apesar de grande e majestosa, sentia o toque daqueles que afagavam com carinho e generosidade sua face. E assim, com mãos zelosas, continuou a plantar sua horta e sentir uma gratidão imensa por todos os frutos da terra que haviam sustentado seus passos até aquele momento.



Paulo Wagner

É Professor, Documentarista, Jornalista, Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMT e doutorando em Estudos Literários pela UNEMAT

paulo.wagner1@unemat.br



Raquel Naveira

É formada em Direito e em Letras pela UCDB. Mestre em Comunicação e Letras. Doutora em Língua e Literatura Francesas. Publicou mais de trinta livros. O mais recente é o livro de crônicas poéticas *Leque Aberto*. Escreve para várias revistas e jornais. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, à Academia Cristã de Letras de São Paulo, à Academia de Ciências e Letras de Lisboa e ao PEN Clube do Brasil.

raquelnaveira@gmail.com

MANCHA

Estava tão feliz com meu vestido de seda azul-clarinho. Sentindo-me pronta. Na hora de sair, percebi a mancha: pontos de tinta preta num desenho impreciso como marcas de salitre numa parede, sardas de velhice na pele ou gotículas de lama numa poça de água pútrida. Como aconteceu isso? O traje era perfeito, nem fui à festa, nem vi como aconteceu esse acidente.

O azul me iluminava, expressava minha alegria de entrar pelas portas desta cidade que amo. Mas houve um pequeno senão. Agora terei que trocar de corpo espiritual, de lavar a veste com sangue e tabletes de anil.

O poeta Manuel Bandeira (1886-1968) lançou a teoria do poeta sórdido. Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida. E ele explica: vai um sujeito, o sujeito sai de casa com a roupa de brim branco, bem engomada, e, na primeira esquina, passa um caminhão, salpica-lhe o terno com uma nódoa de lama. O poema deve ser como a nódoa no brim: fazer o leitor se desesperar. A poesia-orvalho, romântica, deve ficar para as meninhas, as estrelas alfas, as virgens e as amadas sem maldade.

É um desabafo de quem não aceitava mais a arte poética tradicional, de quem desejava liberdade artística total, na forma e no conteúdo. Uma poesia que não falasse apenas do lado belo da vida, mas que causasse impacto, surpresa e levasse o leitor às raias da irritação. Uma poesia que incomodasse e transgredisse as regras.

Concordo apenas em parte com Bandeira. Toda poesia tem substrato social. É gesto, atitude, coragem. Mesmo quando o poeta aborda temas como o amor e a natureza, mostra um inconformismo, uma vontade de fugir da realidade, que o indigna e à qual não se submete.

O paletó e a calça do poeta eram de brim, um tecido forte, de algodão, próprio de armar tendas no deserto. Minha túnica era de seda fina, agradável ao toque, feita com fios de amoreira. Não tinha ruga, nem mácula, nem coisa semelhante. E agora, como vou me apresentar naquela gloriosa ocasião que sonhei?

Terei sido injusta? Preciso acelerar minhas obras, cobrir folhas e folhas com letras e símbolos, retirar desvios e vaidades da caminhada de peregrina. Eis a minha vida, o meu plano, meu mapa de viagem, o que pude entregar até aqui.

Talvez a roupa, para revelar meu eu profundo, devesse ser branca, como a daquele sujeito.

“ESSA TERRA” DE ANTONIO TORRES: REGIONALISMO E IDENTIDADE CULTURAL

Esta abordagem foi elaborada a partir do encontro promovido pelo professor Eduardo Martins, na disciplina Regionalismo e Identidades Culturais, aula realizada pela plataforma Google Meet com os acadêmicos do Programa de Pós-Graduação em Estudos /Literários/ PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, no dia 17/09/2021. Momento virtual que contou com a participação especial do escritor Antônio Torres, para dialogar sobre a sua obra **Essa Terra** (1976) e o seu olhar sobre o regionalismo e a identidade cultural na literatura brasileira.

Com mais de meio século dedicado à produção literária, o escritor Antônio Torres em 2022, completará 50 anos de lançamento da sua primeira obra **Um Cão Uivando para a Lua** (1972), posterior a

essa obra, acumula muitas publicações traduzidas em diversos idiomas, além de premiações recebidas ao longo da sua trajetória de escritor literário. Destaco os prêmios Machado de Assis recebido em 2000, pelo conjunto das suas produções e o prêmio Jabuti em 2007, escolhido como o melhor romance. Ao realizarmos um rápido levantamento sobre a fortuna crítica de suas obras é possível encontrar mais de 60 teses, dissertações e artigos no Brasil e no exterior que analisam suas produções.

O livro **Essa Terra** (1976), é o terceiro romance escrito por Antônio Torres, em sua primeira edição foram impressos 30 mil exemplares, atualmente a obra já está na sua 32ª edição com tradução em vários idiomas. De acordo com o autor essa obra aborda sobre a solidão de um país



Jocineide Catarina Maciel de Souza

Quilombola Pita Canudos, é graduada em Letras, Mestrado em Estudos Literários pela UNEMAT e Doutoranda no PPGEL da UNEMAT. Professora de língua portuguesa, atuando como formadora no DRE/CEFAPRO em Cáceres/MT. Bolsista do Programa de Apoio à Pós-Graduação da Amazônia Legal. É membra fundadora (2017) do Coletivo de Mulheres Negras de Cáceres/MT.
jocineide.souza@unemat.br



Maria Elizabete Nascimento de Oliveira

Doutora em Estudos Literários pela UNEMAT. Livros publicados: Educação Ambiental e Manoel de Barros; Asas do inaudível em luzes de vaga-lume; Sinfonia de Letras; Participação em diversas coletâneas literárias (poesia) Professora de língua portuguesa, atuando na Diretoria Regional de Educação em Cáceres/MT.

maria.elizabete@unemat.br

grande. O livro é organizado em quatro capítulos e relata a saga vivenciada por muitas famílias na migração do nordeste para São Paulo.

O espaço geográfico da obra percorre um pequeno povoado do interior da Bahia denominado de Junco e seus arredores, Feira de Santana e São Paulo. O núcleo da narrativa é uma família composta por 14 pessoas, sendo pai, mãe e 12 filhos, o narrador principal da obra é Totonhim que entre discursos diretos e indiretos com os demais personagens vai nos envolvendo na narrativa com seus sonhos, esperanças, dores e frustrações, enfim com suas emoções.

Resguardadas todas as diferenças entre realidade e ficção, alguns estudiosos consideram que esse romance seja uma autobiografia, pois Antônio Torres, nasceu numa cidade no interior da Bahia, denominada de Junco e ainda muito jovem foi para São Paulo. “[...] Essa presença obsessiva de alusões à vida no Junco, principalmente ligadas à infância, apontam até mesmo para um certo cunho autobiográfico de Antônio Torres.” (LEITE, p.04). No texto *Ponteiros Parados ou Gênese do Cão*, na abertura do livro em análise Ligia Chiappini Moraes Leite nos convida a olhar com atenção para essa peculiaridade na escrita do autor, no conjunto das suas obras.

O primeiro capítulo intitulado *Essa Terra Me Chama* narra o retorno e morte de Nelo um dos filhos dessa família, que muito jovem, aos vinte anos de idade, foi embora para São Paulo e em *flashback* o narrador vai nos apresentando os impactos emocionais e socioeconômicos do processo de migração no Brasil, a partir do retorno. No regionalismo na década de 30 a ênfase das narrativas se dava na saída dos nordestinos para a grande metrópole, em Antônio Torres destaca-se a narrativa do retorno.

- Qualquer pessoa deste lugar pode servir de testemunha. Qualquer pessoa com memória na cabeça e vergonha na cara. Eu vivia dizendo: um dia ele vem. Pois não foi que ele veio?

- O senhor estava com razão.

- Ele mudou muito? Espero que ao menos não tenha esquecido o caminho lá de casa. Somos do mesmo sangue. (TORRES, 1976, p. 17)

Nesse diálogo entre o narrador Totonhim e seu tio, notamos como a esperança da volta é engendrada por aquelas pessoas que ficaram, quantas expectativas.

Quem não mudou em nada mesmo foi o lugarejo de sopapo, caibro, telha e cal, mas a questão agora é saber se meu irmão ainda se lembra de cada parente que deixou nessas brenhas, [...], um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e quente de casimira, seus ray-bans, seu rádio de pilha – faladorzinho como um corno – e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. (TORRES, 1976, p. 17)

Ainda sobre narrar o retorno, nessa obra, em todas as passagens que se relacionam com a volta de Nelo as personagens têm uma projeção positiva sobre ele. Trecho que demarca, também, como o lugarejo não mudou muita coisa, pois o tio ainda mora no mesmo lugar.

No segundo capítulo *Essa Terra me Enxota* a narrativa tem como foco o pai da família e todos os seus desprazeres e desventuras ao se permanecer no Junco, enquanto sua mulher e filhos se mudaram para Feira de Santana. O fracasso na plantação, a solidão da casa vazia e a

desesperança da vida no campo que o fez deixar tudo e ir para Feira de Santana.

O velho bateu a cancela, sem olhar para trás.

[...]

Três pastos, uma casa, uma roça de mandioca, arado, carro de bois, cavalo, gado e cachorro. Uma mulher e doze filhos. O baque da cancela era um adeus a tudo isso. Já tinha sido um homem, agora não era mais nada. Não tinha mais nada. (TORRES, 1976, p. 17)

O fechar da porteira na batida da cancela é a metáfora do encerramento de um ciclo, que é reforçado com a enumeração de tudo que ficou encerrado no espaço descrito na narrativa. Nessa passagem fica evidente a relação intrínseca do ser humano com o espaço rural e a relação entre as pessoas, que mesmo tendo doze filhos sentia a dor de estar só.

No terceiro capítulo *Essa Terra Me Enlouquece* conhecemos as peripécias da loucura, do sofrimento, da dor, da violência doméstica a partir da mãe e do personagem Alcino, além de todo o preparativo para o velório de Nelo. Nesse capítulo a existência humana e a condição da mulher mediante a miséria é posto em evidência, norteados pela busca do eu.

- Quem sou eu?

Faça essa pergunta para ele e não a mim. Eu sei quem é a senhora.

[...]

- Você se lembra de mim? Quem sou eu?

la dizendo: - A senhora é a filha mais velha daquele homem que está ali, pregado na parede. E a mãe daquele outro que está ali, estirado no chão, dormindo para sempre. Eu queria falar mais não conseguia. Enquanto ela permanecesse com suas duas mãos apertando o meu pescoço, eu não ia poder dizer-lhe nada. (TORRES, 1976, p. 71-72)

Nesses trechos se destacam as reflexões sobre a existência humana, a origem da vida representada pela imagem do pai e a morte minimizada pelo uso do eufemismo “dormindo para sempre”, ao se referir ao seu filho Nelo. O devaneio e o delírio da mãe ficam ainda mais evidentes ao se declarar ser o arcanjo Rafael. “- Eu sou o arcanjo Rafael – acrescentou, revirando os olhos, como a confirmar que não era mais uma alma deste mundo.” (TORRES, 1976, p. 73). A forma como o autor organiza essas reflexões sobre temas universais na obra, a partir de uma realidade local muito bem demarcada na narrativa demonstra um trabalho artístico com a linguagem que rompe com as fronteiras locais/regionais, alcançando uma amplitude universal.

Para além da loucura da mãe, nesse capítulo, os devaneios do doido Alcino também são destaques para pensarmos a loucura. “O doido Alcino falava para os ares. Parecia querer endoidecer o mundo”. (TORRES, 1976, p. 79)

O último capítulo *Essa Terra Me Ama*, descreve o trajeto do Junco ao hospital em que o narrador levava sua mãe, apresenta todo sofrimento da família em Feira de Santana, há demoradas passagens sobre as cinco filhas Adelaide, Noêmia, Zuleide, Dina e Zilda.

“Filha. Não me fale em filhas.”

Uma vez ela me disse: - Eu queria ter nascido homem.

[...]

[...] – Eu queria ser homem para poder mandar no meu destino

[...] – Eu queria tanto só ter tido filho homem. (TORRES, 1976, p. 98)

Nesses fragmentos e em várias

passagens desse capítulo a temática relaciona-se ao patriarcado, ao machismo e ao jugo que a sociedade impõe sobre a mulher, os quais são evidenciados no relato das violências sofridas, tanto pela personagem da mãe, quanto nas histórias das cinco filhas.

Mesmo em meio a tanto sofrimento a mãe nutria um sonho, a mudança para Feira de Santana, justificada pela vontade de garantir que seus filhos fizessem o ginásio. “- Meu pai me tirou da escola quando escrevi o primeiro bilhete da minha vida para um namorado. Não posso deixar que aconteça a mesma coisa com as minhas filhas. [...] Nosso consolo é que podíamos ir para o ginásio a pé, isto é, podíamos ir para o ginásio.” (TORRES, 1976, p. 100)

Durante o trajeto ao hospital, a mãe relembra as suas histórias vividas no Junco, o narrador acredita que sua mãe pense que ele seja o seu irmão Nelo, que estava sendo velado na cidade do Junco. “Velhas histórias. Qual de nós não as conhecia de cor e salteado? Nelo, certamente. Ela agora está pensando que eu sou ele. Tinha muitos segredos para ti, mano velho, no fundo do baú. Finalmente abriu o baú. Vês? Sente o cheiro? Ouve? É tudo para ti, onde quer que estejas.” (TORRES, 1976, p. 99)

Os pontos abordados entrelaçam-se às temáticas de cunho universal, todavia ao olharmos para obra na perspectiva do regionalismo literário do Nordeste difundido nas primeiras décadas século XX, é possível assegurar que o romance obedece aos critérios apontados por Antônio Candido (1975, p. 299) sobre as condições da terra e da paisagem, enquanto elementos que estão estreitamente ligados à vida sociocultural da região nordestina. Na obra é muito forte os aspectos regionais que são ampliados pelas temáticas universais que envolve toda a narrativa como: solidão,

miséria, loucura e a própria condição humana do existir. Nesse sentido está posto na escrita de Antônio Torres o paradoxo do regionalismo universal.

No diálogo estabelecido durante aula, o escritor afirma que o regionalismo existe na literatura produzida em todos os países, e, lamenta a forma preconceituosa da crítica brasileira sobre as obras que se intitulam regional, há uma depreciação sobre elas e seus autores. Essa dualidade do regional/nacional não é nova, ela está posta desde o projeto de formação da literatura brasileira. Para exemplificar essa questão partimos da abordagem de Antônio Candido (1975, p. 229):

Franklin Távora sentiu tudo isto profundamente, ao ponto de tentar uma espécie de félibrige; só que félibrige pela metade, dentro não apenas do mesmo país, mas da mesma língua. “Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o de outro. Cada um tem as suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem, sua política”. Desvio evidente que, levando-o a dissociar o que era uno e fazer de características regionais princípio de independência, traía de certo modo a grande tarefa romântica de definir uma literatura nacional.

Se pensarmos por esse viés conseguimos entender parte dos problemas de aceitação sobre os conceitos do termo regionalismo. Podemos aliar a esses fatores apontados por Candido as atitudes de autores que “[...] se consideram como portadores de uma verdadeira orientação regionalista, a única que exprimiria os aspectos da realidade brasileira, de sua paisagem física, social de modo a nos conduzir a compreensão mais exata da totalidade que a integra, ou melhor, de sua unidade. (CASTELLO, 1961, p.17)”.

Uma das possibilidades para rompermos com as polêmicas no trato do regionalismo seria pensarmos o(s) regionalismo(s), visto como um conjunto de “eus”, num espaço geográfico/imaginário, em que romancistas, poetas, cronistas, contistas escrevem numa abordagem regional/local, mas sem perder o sentido universal das coisas, dos fatos, das pessoas e das relações entre pessoas. Um lugar enquanto espaço de poder/ de identidade e memória, que possibilita sustentar os aspectos locais numa produção de abordagem universal. Ainda

nessa perspectiva, o professor e poeta Eduardo Martins define o regionalismo como uma série de invenções localizadas em um determinado espaço com suas especificidades.

A partir das reflexões sobre a obra **Essa Terra** (1976), procuramos apontar algumas questões sobre regionalismo e identidade cultural, debatidas durante a aula com a participação do escritor Antônio Torres, no entanto, passíveis de outras perspectivas e apontamentos.

Referências

- CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. V. 02. 5ª ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo**. V. 04. São Paulo: EDART, 1961.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Ponteiros Parados ou a Gênese do Cão**. IN: TORRES, Antonio. *Essa terra*. São Paulo: Ática, 1976.
- TORRES, Antonio. **Essa terra**. São Paulo: Ática, 1976.





Mito Ashaninka



Pirá-tapuya



Sukuryu-tapuya



Anory-tapuya



kwatá-tapuya



Tekoa



Karajás



Natureza morta pajé



Cajubi

Artista Visual Convidado:



Denilson Baniwa

Nasceu em Mariuá, Rio Negro, Amazonas. É artista visual e comunicador, que tem a partir do Movimento Indígena Amazônico e trânsito pelo universo não-indígena seus processos artísticos e sociais.

denilsonbaniwa@gmail.com

Realização

